

VIAGENS EM PALAVRAS:**DIÁLOGOS ENTRE *PASSEIOS NA ILHA*, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, E *PASSEIO A OURO PRETO*, DE LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA.**

Amanda Stephanie Rodrigues Costa¹
Ilca Vieira de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as imagens da cidade de Ouro Preto nos textos *Passeios na Ilha* e *Passeio a Ouro Preto*, observando o modo como as paisagens são apreendidas e expostas por Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Machado de Almeida em suas viagens reais e imaginárias. Assim, o estudo irá considerar as diferenças entre o olhar do turista e do viajante que são expostas por cada escritor em seus deslocamentos reais ou não. Para a investigação do tema proposto será realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental. Desse modo, será feita a leitura e a análise das obras citadas, tendo como suporte teórico a obra *Teoria da viagem: poética da geografia*, de Michel Onfray, os conceitos sobre paisagem discutidos em *Poética e filosofia da paisagem*, de Michel Collot, e estudos sobre instâncias textuais como “leitor implícito” e “leitor explícito”, fundadas pelo teórico Wolfgang Iser e desenvolvidas, também, por Antoine Compagnon e Umberto Eco. Além disso, também recorreremos a outros autores, como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Alberto Manguel, Affonso Ávila e Lourival Machado que trazem em seus escritos “pedaços” das memórias de Ouro Preto colonial, que “povoam” a tradição e a imaginação do leitor-viajante (ou “leitor-implícito”). Este estudo irá considerar em sua reflexão com o auxílio de textos críticos publicados em jornais e revistas (1940-2000) sobre os livros *Passeio a Diamantina*, *Passeio a Sabará* e *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado de Almeida.

Palavras-chave: Passeios, Leitor, Viagens.

ABSTRACT

This work aims to analyze Ouro Preto's images in *Passeios na Ilha* and *Passeio a Ouro Preto* texts observing the way how the landscapes are apprehended and exposed by Carlos Drummond de Andrade and Lúcia Machado de Almeida in their imaginary and real trips. Thus, the study will consider the differences between the tourist and the traveler looks that are exposed by each writer in their real or unreal travellings. To investigate the proposed theme a bibliographic and documental research will be done. Therefore, a reading and an analysis about the mentioned books will be done having as a theoretical support the book *Teoria da viagem: poética da geografia*, by Michel Onfray, the concepts about landscape discussed in *Poética e filosofia da paisagem*, by Michel Collot, and studies about texts instances as “implicit reader” and “explicit reader” that were founded by Wolfgang Iser and was also developed by Antoine

¹ Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Mestranda em Literatura Brasileira/ Estudos Literários. E-mail: amandaphanie@gmail.com/.

² Universidade Federal de Minas Gerais – Ufmg. Doutora em Letras/Literatura Comparada. E-mail: ilcavieiradeoliveira@yahoo.com.br/

Compagnon and Umberto Eco. Besides, we will also rely on other authors as Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Alberto Manguel, Affonso Ávila and Lourival Machado that bring in their writings, memories pieces of colonial Ouro Preto, that “populate” the reader-traveler (or “implicit reader”) tradition and imagination. This study will consider in its reflection with the help of critical texts published in newspapers and magazines (1940-2000) about the books *Passeio a Diamantina*, *Passeio a Sabará* e *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado de Almeida.

Key-words: *Passeios*, Reader, Travellings.

1. Introdução

Passeios na Ilha, livro que reúne alguns textos teóricos sobre crônicas, de Carlos Drummond de Andrade, lançado primeiramente pelas Organizações Simões, em 1952, e em sua segunda edição pela livraria José Olympio, em 1975 reúne uma série de relatos que são contados através das contemplações e dos *passeios* feitos (fisicamente ou imaginariamente) pelo autor, nas “ilhas desertas” onde “há certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer” (ANDRADE, 2011, p. 20).

Já o livro *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado de Almeida, foi publicado em 1971 pela livraria Martins S.A., e é um guia sobre a cidade de Ouro Preto, que visa informar ao seu leitor as rotas e caminhos a serem percorridos num “passeio” pela cidade. Ao mesmo tempo, nele se narra incríveis acontecimentos situados no passado da cidade mineira, acontecimentos esses que remetem a um tempo longínquo e que são presentificados e revelados pelo “percurso” turístico e literário empreendido pela escritora.

Tanto Lúcia Machado, em *Passeio a Ouro Preto*, como Carlos Drummond de Andrade, em *Passeios na Ilha*, retratam a esfera da cidade de Ouro Preto (em seus aspectos coloniais e até mesmo contemporâneos), a partir de “percursos” que seguem entre as ruas, becos e vielas desta cidade – monumento que deixa exalar em seus ares um passado tão presente que nos faz pensar sobre Ouro Preto como poesia e história, ou até mesmo a história que se transforma em poesia. A “poesia” dos monumentos ricamente descritos por Lúcia, como a Casa dos Contos, onde “consta que esteve prêso (sic) e se enforcou o já bem nosso conhecido magistrado Inconfidente Cláudio Manoel da Costa” (ALMEIDA, 2011, p. 52-53); a Igreja de São Francisco de Assis; o museu dos Inconfidentes; a poesia que coube a Aleijadinho traduzir em imagem em suas obras; enfim, a poesia concebida no simples ato de “amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro” (MEIRELES, 1999 d, p. 101).

É sob esse aspecto que Ouro Preto é vista e sentida pelo leitor implícito (o viajante) que “[...] tenta, diante da obra de arte ou do lugar contemplado, recriar imaginariamente o mundo da tradição em que o objeto está inserido e por isso pode evocar uma infinidade de referências intertextuais [...]” (ROMANO, 2013, p. 43). Por isso ele (o viajante) presencia e realiza a viagem (abstrata ou concreta) com calma e encantamento. Encantamento proporcionado também pelo diálogo existente entre duas obras que “partilham” de uma mesma essência: a dos “*passeios*”. Ambos os livros permitem que o leitor “contemple”, “divague” e sinta profundamente as raízes da história

da antiga Vila Rica, que se espalham dentre as páginas “mágicas” das crônicas dos “passeios” de Drummond e dos relatos do “passeio” de Lúcia Machado.

Em *Passeios na Ilha*, notamos que Drummond, por meio de suas crônicas, retrata a sua viagem real a Ouro Preto, relacionando-a a uma viagem imaginária pela arte e pela história da cidade. Já em *Passeio a Ouro Preto*, podemos observar que Lúcia Machado elabora um guia voltado para turistas que desejam conhecer a cidade de Ouro Preto, mas, principalmente, para viajantes que desejam conhecer a “essência” do lugar, que por sua vez só é “sentida” e “atingida” pela figura marcante do viajante que é “[...] boquiaberto por definição” (ANDRADE, 2011, p. 132) e permite ser surpreendido pelos mais efêmeros detalhes da viagem.

Nesses “*Passeios*” de Drummond temos uma grande notabilidade da importância do papel do escritor e cronista que mescla a atividade jornalística e a literária. Dessa forma, ambas as atividades são “misturadas” dentro do textos teóricos das crônicas de *Passeios na Ilha*, deixando claro que:

Em toda crônica, por conseguinte, os indícios de reportagem situam-se na vizinhança, quando não em mescla com os literários; e é a predominância de uns e de outros que atrairá o texto para o extremo do jornalismo ou da literatura.

[...] Todavia, a crônica merece a atenção que lhe vem sendo dispensada ultimamente não só porque apresenta qualidades literárias apreciáveis mas porque, e sobretudo, busca subtrair-se à fugacidade jornalística assumindo a perenidade do livro. (MOISÉS, 1978, p. 105-106).

Partindo dessa análise, podemos afirmar que a crônica é fruto de uma produção fugaz que se torna duradoura a partir de sua entrada nos livros que as tornam “imortais”. É essa “perenidade” que é atribuída às crônicas presentes nos “passeios” de Drummond.

Recorrendo à teoria da viagem, de Michel Onfray, poderíamos dizer que os dois livros, ou “passeios”, só podem ser entendidas pela figura do *viajante*, que consegue tocar e “respirar” o mais nobre sentimento que se “esconde” por detrás de cada imagem ou paisagem; algo que passaria despercebido aos olhos do *turista*, por sua vez, que não vê mais do que os “seus olhos alcançam”. O viajante “[..] busca o conhecimento: ele viaja porque é curioso pelo que desconhece. É o desconhecido que instiga o seu saber” (SANTIAGO, 2002, p. 215). Aprofundando nos termos dessa distinção entre as figuras do turista e do viajante, temos que, para Onfray:

O turista compara, o viajante separa. O primeiro permanece à porta de uma civilização, toca de leve uma cultura e se contenta em perceber sua espuma, em aprender seus epifenômenos, de longe, como espectador engajado, militante de seu próprio enraizamento; o segundo procura entrar num mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir nem chorar nem julgar nem condenar, nem absolver nem lançar anátemas, mas pegar pelo interior, que é compreender, segundo a etimologia. (ONFRAY, 2009, p. 58-59)

Podemos notar, no trecho acima, que, para Michel Onfray, o turista e o viajante se encontram em duas categorias que não podem ser equiparadas, uma vez que ambos possuem objetivos divergentes. Um se limita a um plano estreito e vago e o outro vai em busca daquilo que lhe remete os mais profundos sentimentos e a mais esplêndida sinestesia das coisas que se encontram diante de nossos olhos. Desse modo se inscreve o

topos da viagem em ambos os “*Passeios*”. Um busca “ver” e outro “olhar” para a viagem empreendida, seja de forma imaginária ou real.

Assim temos a acepção dos termos “ver” e “olhar” que podem ser relacionados diretamente às figuras do viajante e do turista:

No ver a integridade e suficiência do mundo, bem como sua sólida e rija consistência, rejeitam o vidente para o domínio de uma total exterioridade em relação a si, fazem o visível dublar-se de um outro absolutamente separado – que, como subjetividade ou substância pensante, o envolve e reflete na sua atividade de representação e conhecimento (e este sujeito, como espírito retraído do mundo, parece encontrar, então, na película delgada e brilhante do olho, a única evocação mundana da sua potência de iluminação). No universo do olhar, no entanto, deparamos outra forma de articulação. Nele, vidente e visível misturam-se e confundem-se em cada modulação do mundo, em cada nó da sua tecelagem, mostram-se imbricados em cada ponto de sua indecisa extensão. E se a realidade os entrelaça, é porque o mundo visível não se dá mais como conjunto de “coisas” rígidas e íntegras, positivas (como também não é matéria inerte nem caos que um sujeito, como demiurgo, molda e informa), mas como o contorno de um campo em que o sentido ora se adensa e se aglutina, ora se difunde e dilui numa existência rarefeita, sempre vazado de lacunas e indeterminação.
(CARDOSO, 1998, p. 349)

E é sob o “olhar” marcante da figura do viajante que carrega consigo a “indeterminação”, como referido acima, e a errância, uma vez que não se permite fixar raízes, que as sinestésias ocultas e visíveis são possibilitadas por ambos os escritores, Lúcia Machado de Almeida e Carlos Drummond, que nos transportam para uma esfera além do tempo. Um tempo que foi soprado a horizontes remotos, mas nem por isso está longe do nosso alcance sendo possível “toca-lo” e “alcança-lo”. Essa sensação de proximidade é proporcionada, uma vez que eles (os escritores) percorrem as ladeiras e as ruas da cidade de Ouro Preto demonstrando-nos a sua preocupação “em não se portar como um turista que percorre os lugares com um olhar superficial de uma estrangeira [...] que com uma máquina fotográfica quer captar a paisagem exterior” (OLIVEIRA, 2013, p. 151).

E é exatamente isso que podemos compreender através da “conversa” estabelecida entre as obras. Compreendemos que Ouro Preto escapa ao turista apressado, ao seu “ver” fugidio como abordado por Sérgio Cardoso, e não aceita a brevidade jornalística, sendo que “o comportamento de jornalista, a registrar notas para a futura reportagem, seria algo como um insulto que Ouro Preto não merece, nem poderia tolerar” (MACHADO, 2003, p. 178).

Além disso, compreendemos também que o estudo sobre o passado, a história, as imagens, as paisagens e os personagens que fizeram parte do cenário colonial dessa cidade mineira se faz relevante, uma vez que analisar e estudar uma cidade histórica de tamanha importância como a “cidade do ouro” nos faz “reviver” e “rememorar” grandes feitos e acontecimentos que ainda “se arrastam” através dos tempos. A antiga Vila Rica “[...] contém em si vários tempos e espaços da vida física, espiritual e humana” (BRANDÃO, 2006, p. 11), e por isso “deve” e “merece” ser estudada.

Sendo assim, este projeto tem o propósito de estudar as imagens da cidade de Ouro Preto através do diálogo entre as obras “*Passeios na Ilha*”, de Carlos Drummond de Andrade, e “*Passeio a Ouro Preto*”, de Lucia Machado de Almeida. Por meio do diálogo entre essas duas obras será possível conhecer e “vivenciar” aspectos culturais,

sociais e históricos que são narrados e relatados em vários de seus momentos. São aspectos que nos levam a “penetrar” em um lugar até então desconhecido por nós. As imagens e paisagens da cidade histórica também serão estudadas, uma vez que estas nos revelam coisas importantes que jamais poderíamos ter conhecimento. Desvela, por exemplo, sobre o viajante e o turista (que também serão analisados) que partem rumo a essa cidade mineira com diferentes propósitos em relação à viagem. Como o propósito, por exemplo, de enxergar “de cima”, “uma cidade *transumante*, ou metafórica [...]” (CERTEAU, 1994, p. 172).

Para o estudo, das imagens e paisagens, que será desenvolvido, contaremos com o auxílio das teorias de Alberto Manguel em seu livro, *Lendo Imagens: uma História de Amor e Ódio*, de Lourival Gomes Machado em seu livro, *Barroco Mineiro e Barroco Teoria e Análise* de Affonso Ávila. Além disso, também nos apoiaremos nas teorias de Michel Collot, sobre a apreensão da paisagem, em seu livro *POÉTICA E FILOSOFIA DA PAISAGEM*. São de extrema importância para que possamos “captar” todas as “sinestesias” e “nuances” que nos são transpostas, até mesmo, através de uma “simples” revelação de que “na região de Minas Gerais em particular, o estilo barroco assumiu aspectos distintamente originais [...]” (MANGUEL, 2001, p. 226).

Além disso, será de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa o estudo de personagens, que fizeram parte e que marcaram o passado da cidade histórica de Minas. Vários destes serão estudados e analisados, como por exemplo, Claudio Manoel da Costa, que amava as Minas Gerais e, por isso, era considerado o poeta do “tom patriótico e bairrista, tendo o poeta como intuito celebrar os encantos da terra” (CANDIDO, 1993, p. 88).

Ainda nesse contexto, será pertinente neste projeto o estudo da distinção realizada entre as figuras do leitor implícito e do leitor explícito, uma vez que esta se faz necessária para que o sentido de viagem real e imaginária seja apreendido. Essas diferenciações são feitas por Antoine Compagnon, Umberto Eco e Wolfgang Iser. Segundo Antoine Compagnon, “o leitor é percebido simultaneamente como estrutura textual (o leitor implícito) e como ato estruturado (a leitura real)” (COMPAGNON, 2001, p. 151). O leitor implícito, que parte do leitor real (o explícito), seria uma espécie de viajante que compõem e “faz parte” da obra literária em seus aspectos mais recônditos ou visíveis.

Por fim, também se fará recorrência ao conceito de crônica, para que as crônicas contidas em “*Passeios na Ilha*”, de Carlos Drummond, sejam bem compreendidas pelo leitor-viajante. O estudo desse gênero se faz necessário, uma vez que “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem” (SÁ, 1999, p. 9).

Dessa forma, para que este estudo seja realizado, tomaremos como base os livros *Passeio a Ouro Preto* de Lúcia Machado, e *Passeios na Ilha* de Carlos Drummond. No primeiro, recorreremos ao auxílio de alguns recortes de jornais, da época de 1940 a 2000, onde textos das obras de Lúcia Machado foram publicados. Já no segundo livro, daremos foco à análise e estudos das crônicas “Rosário dos Homens Pretos”, “Antigo”, “Colóquio das estátuas” e “Contemplação de Ouro Preto”.

2. Problema

Propomos, neste projeto de pesquisa de mestrado, um estudo dos livros *Passeios na Ilha*, do poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade e *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado de Almeida, buscando analisar os diálogos possíveis entre eles quanto às imagens que apreendem da paisagem e dos aspectos culturais e históricos da cidade de Ouro Preto. Apesar das diferenças de gênero textual e de cunho literário, estes dois volumes apresentam pontos de aproximação relevantes para se pensar os tratamentos e significações recorrentes da cidade setecentista mineira na tradição cultural e literária brasileira. Entre esses pontos de aproximação estaria um olhar afim, identificado ao do viajante, que percorre esse espaço como alguém que o penetra em todas as suas nuances, sendo mudado por ele e podendo mudá-lo, através de sua escrita em textos inspirados por tal “viagem”.

Assim, este projeto tem como questão principal as modulações de olhar sobre a cidade de Ouro Preto, nos livros *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado, e *Passeios na Ilha*, de Drummond. Outros problemas, de grande relevância porque inerentes a essa questão, são: as figuras de sustentação dessa modulação (como supomos, trata-se da figura do viajante, tal como delineada na Teoria da viagem, de Michel Onfray); os pontos de atenção e de interesse, para os quais se volta esse olhar; os detalhes, belezas e irregularidades por ele captados; e as histórias, lendas e situações lembradas ou imaginadas a partir do que se revela à vista.

Lembramos, que todas essas questões têm como contraparte o plano de expressão que as imagens, histórias e afirmações ganham em sua formulação junto ao trabalho de escrita dos autores. Portanto, devem ser pensadas em sua materialidade junto à linguagem.

3. Hipóteses

Ao ler e analisar as duas obras, paralelamente, podemos perceber vários pontos de “contato” existentes entre elas, que podem ser notados em vários fragmentos. Diante disso, iremos nos fundamentar nas seguintes hipóteses:

- Ambas as obras compartilham de um mesmo tema, que é a “viagem”, ou melhor, o *passeio* pela cidade de Ouro Preto, sua história, seus personagens, suas imagens e paisagens. Esse *passeio* atinge o sentido de “divagações”, “contemplações” e caminhadas físicas ou imaginárias pela história e pelo cenário da antiga Vila Rica.
- Tanto “*Passeio a Ouro Preto*”, de Lúcia Machado de Almeida, como “*Passeios na Ilha*”, de Carlos Drummond de Andrade, constitui uma espécie de relato de viagem à cidade de Ouro Preto, com ricas descrições que faz com que o viajante-leitor permaneça atento a cada detalhe.
- Os dois livros resgatam o passado e os personagens da cidade mineira fazendo com que o leitor, que viaja juntamente com os escritores, conheça a essência e os mistérios da encantadora “cidade do ouro”.

- Ambos os autores tentam elaborar uma imagem (fragmentada) da história da cidade de Ouro Preto. Imagem essa que é feita através das viagens reais e imaginárias descritas ou propiciadas pela escrita.

4. Objetivos

4.1 Objetivo Geral

- Analisar como a imagem e a paisagem da cidade de Ouro Preto é apreendida pelos viajantes Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Machado de Almeida em *Passeios na Ilha e Passeio a Ouro Preto*.

4.2 Objetivos Específicos

- Observar a importância das figuras do viajante e do turista inseridos nos textos, dando ênfase aos conceitos definidos por Michel Onfray, em seu livro *Teoria da Viagem*.
- Verificar como as personagens históricas e literárias são reconfiguradas nos textos.
- Analisar como o passado histórico da cidade colonial é retomado nos textos, verificando como o “ouro” é representado como metáfora da “criação”, fundação e ruína.
- Demonstrar os aspectos que vão aproximar e distanciar os dois textos para “criarem” imagem da cidade e da paisagem de Ouro Preto.
- Observar como as figuras do viajante e do turista são representadas nos textos e qual é o papel do leitor na construção do sentido dessa cidade histórica de Minas Gerais.

5. Metodologia

Para a investigação do tema proposto será realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental. Desse modo, será feita a leitura e a análise das obras citadas, tendo como suporte teórico a obra *Teoria da Viagem: poética da geografia*, de Michel Onfray, e estudos sobre instâncias textuais como “leitor implícito” e “leitor explícito”, fundadas pelo teórico Wolfgang Iser e desenvolvidas, também, por Antoine Compagnon e Umberto Eco.

Além disso, também recorreremos a outros autores, como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Alberto Manguel, Lourival Machado e muitos outros que trazem em seus escritos “pedaços” das memórias da Ouro Preto colonial, que “povoam” a tradição e a

imaginação do leitor-viajante (ou “leitor-implícito”). Esta investigação contará, ainda, com o auxílio de textos publicados em jornais e revistas sobre os livros *Passeio a Diamantina*, *Passeio a Sabará* e *Passeio a Ouro Preto*, de Lúcia Machado de Almeida, que foram publicados no período de 1940 a 2000.

6. Conclusão

Lúcia Machado de Almeida e Carlos Drummond de Andrade apresentam, em seus livros *Passeio a Ouro Preto* e *Passeios na Ilha*, respectivamente, uma recriação do passado de Ouro Preto tendo como recurso discursivo, principalmente, a assimilação de seu olhar ao do viajante e do turista que caminham pelas ruas, becos e vielas da cidade do ouro.

Percebemos que ambos os livros são uma espécie de relato de viagem à cidade de Ouro Preto, com ricas descrições de “caminhadas” físicas pelo espaço real, mas também “caminhadas” imaginárias (no sentido de divagação) pela história e pelas vidas de importantes figuras que marcaram seus nomes na memória do lugar.

Assim, Lúcia Machado, em seu guia turístico, exhibe ao seu leitor implícito (e até mesmo ao seu leitor explícito,) uma Ouro Preto essencialmente barroca, pelo destaque que dá à arte e à atmosfera mística que envolve os monumentos e a história da cidade. Nessa sua abordagem, vemos a transmutação de um olhar identificado ao do turista (que observa a superfície do lugar que visita) para o do viajante (que mergulha mais profundamente no universo desconhecido que a ele então se abre). E a partir dessa transmutação, a escritora busca que o seu olhar por uma experiência semelhante de adentramento em um espaço onde o passado se constitui em um tempo não tão distante. É essa proximidade com o passado que faz com que o texto não seja apenas um guia turístico, mas uma obra com uma linguagem subjetiva que permite ao leitor a possibilidade de também preencher os vazios deixados pelos textos através de sua imaginação.

Pudemos perceber, também em *Passeios na Ilha*, essa (re) aproximação com o passado de Ouro Preto. Drummond, através de suas crônicas, relata aspectos importantes que fazem com que a antiga Vila Rica de Albuquerque seja “descortinada” ante os olhos do leitor. O poeta-prosador nos faz, nesse seu livro, pensar que ele se encontra inserido nesse tempo que não podemos mais alcançar; mas ele o alcança, o “toca” e o sente profundamente e, com sua escrita rica em imagens e sentidos, nos deixa também passar por essa experiência imaginária.

Esse diálogo estabelecido entre essas duas obras nos possibilitou perceber trânsitos diversos entre as duas escritas, como a exploração dos sentidos vários contidos nos monumentos, na arte e na história de uma cidade em que o passado se faz tão presente como o próprio presente. Por isso, “resgatamos”, neste estudo, aspectos importantes da “cidade do ouro”, como o Barroco e a personagem de Cláudio Manuel da Costa, que são “pedaços” da história deste lugar e que muito significam para a sua consideração crítica (lembramos o senso de liberdade inscrito na arte de Aleijadinho como na vida de Cláudio Manuel da Costa e que Carlos Drummond um pouco explora).

Tendo em vista essas considerações, podemos dizer que Ouro Preto, conforme nos foi mostrado por Lúcia Machado e Carlos Drummond, realmente “é história e poesia” (ANDRADE, 2011, p. 65).

Finalizamos com a afirmação do desejo de que essa história e essa poesia tenham sido, de fato, alcançadas pelas análises que aqui cumprimos, pois, se algo nos inspirou foi a busca por esses sentidos a nós revelados já nas leituras preliminares dos livros que tivemos por objeto de estudo. Desejamos, também, que outros pesquisadores possam encontrar, neste trabalho, fontes de reflexão e investigação sobre os autores e os textos aqui abordados, como sobre a arte e a história de Ouro Preto.

6. Bibliografia

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas: Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Passeios na Ilha: Divagações sobre a Vida Literária e outras Matérias*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *Representações ambivalentes da cidade moderna: a Belo Horizonte dos modernistas*. Rio de Janeiro: IUPERJ, Tese de Doutorado, s.d.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. “A poesia modernista de Minas”, in Ávila, Affonso (org.). *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ÁVILA, Affonso. “Nas vertentes da Semana de 22: o grupo mineiro de A Revista”, *Revista de Cultura Vozes*, v. LXVI, nº 1, jan./fev. 1972.

ÁVILA, Affonso. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. 3. Ed. Ver. E ampl. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BOSI, Alfredo. “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária”, *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, nº 1, São Paulo: USP/ Editora 34, 2000.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). *As cidades das cidades*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 1º volume (1750-1836). 7. Ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer/ Michel de Certeau*; 15. Ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COLLOT, Michael. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DUTRA, Eliana (org.). BH: *horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996

ECO, Umberto. *Lector in Fabula: a Cooperação Interpretativa nos Textos Literários*. Tradução de Atílio Cancin. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ISER, Wolfgang. “O Jogo do Texto”. In: LIMA, Luiz Costa (Coord.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma História de Amor e Ódio*. Tradução de Rubens de Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEIRELES, Cecília. “Roma, Turistas e Viajantes”. In: *Crônicas de Viagens 2: 1953*. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MICHELI, Mario de. *As vanguardas artísticas*. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.

OLIVEIRA, Ilca Vieira de. “Entre o Relógio e o Mapa: as Viagens de Cecília Meireles pela Espanha”. In: *Revista de Letras*. São Paulo, v. 53, n. 1, p. 139-157, jan./jun., 2013.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: Poética da Geografia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagem contemporânea. *Estação Literária*, Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 05/10/2017.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

SANTIAGO, Silviano. “A permanência do discurso da tradição no modernismo”, in *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.